



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v11i01178187>

A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA NA CASA ANÍSIO TEIXEIRA

Data de recebimento: 08/10/2017

Aceite: 29/11/2017

Denise Marques Carneiro NEVES (UNEB)¹

Resumo: Este artigo discute o gosto pelo ato de narrar e ouvir histórias e apresenta uma ressignificação dessa prática por meio de ações do Núcleo de Teatro e Contação de Histórias da Casa Anísio Teixeira, instituição localizada no município de Caetité-Bahia. Analisa a importância da experiência para tornar a contação de histórias mais presente nas relações humanas, ao tempo em que descreve a imediaticidade e a efemeridade das vivências como possível causa para o declínio do ato de narrar. Considera a tradição oral como principal fator para retomada e ressignificação do uso de narrativas. Apresenta como principal aporte teórico Walter Benjamin (2012), para tratar do conceito de experiência e do ato de narrar e Kátia Muricy (2009) e Benjamin (2011) para refletir sobre linguagem.

Palavras-chave: Experiência. Conhecimento. Narração. Casa Anísio Teixeira. Ressignificação.

Abstract: This article discusses the taste for narrating and hearing stories and presents a re-signification of this practice through actions of the Theater and Storytelling Center of Casa Anísio Teixeira, an institution located in the municipality of Caetité-Bahia. It analyzes the importance of experience to make storytelling more present in human relations, while describing the immediacy and ephemerality of experiences as a possible cause for the decline of narrative. It considers oral tradition as the main factor for resumption and re-signification of the use of narratives. It presents as main theoretical contribution Walter Benjamin (2012), to deal with the concept of experience and the act of narrating and Kátia Muricy (2009) and Benjamin (2011) to reflect on language.

Keywords: Experience. Knowledge. Narration. Casa Anísio Teixeira. Resignification.

1. Empobrecimento da narrativa

O ato de narrar histórias, segundo Walter Benjamin (2012), em *O Narrador*, encontra-se em desuso, em decadência. O autor argumenta que o narrador é uma espécie de conselheiro do ouvinte, expressão que traz um costume que nos dias atuais assume um caráter antiquado,

¹ Mestranda em Estudo de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI/UNEB. Salvador-BA, Brasil; denisemcneves2014@gmail.com



pouco aceito, portanto pouco valorizado. Em certos diálogos, é até comum ouvir: “se conselho fosse bom, não seria dado, mas comprado”. Essa fala reflete e repete a ideia de que tudo considerado bom custa dinheiro e só pode ser acessado por quem pode e está disposto a pagar. Pode-se afirmar, pois, que isso é resultado da sociedade capitalista burguesa a qual nos tem imposto a ordem do consumo, do efêmero, do imediato, muitas vezes associado ao prazer individual que se deseja desfrutar.

Não se deixar influenciar, não sucumbir às condições impostas pela sociedade moderna de consumo e mercantilista torna-se um exercício difícil. O indivíduo, para se sentir no mundo, decide enquadrar-se, mesmo percebendo que pode ficar refém das práticas advindas do consumo; como um consumo atrai outro e assim sucessivamente, a sensação de satisfação, realização de um desejo, por mais que fugaz, domina o indivíduo e o impele a buscar outras coisas, outros costumes. Nem mesmo se apropria dos sentidos e funções do que adquiriu e conquistou e já manifesta vontade de mudar, adquirir, viver outras situações.

Benjamin, na primeira metade do século XX, já alertava para o declínio da narrativa em virtude da força que a informação passou a ter. Como esta baseia-se na novidade incessante, porque sua força reside no imediato, e geralmente vem acompanhada de espetacularização, precisa ser verificada, explicada, pelo menos no momento em que chega ao ouvinte/leitor. Com os adventos tecnológicos, as redes sociais, a notícia *online*, o caráter descartável da informação evidencia-se com maior força. Quem a consome, quem a acessa necessariamente não amplia o conhecimento. Não pressupõe sabedoria. Prevalece a lógica do maior número de informação, e assim se torna pretexto para o sujeito mudar de assunto durante qualquer conversação. A qualquer momento tudo pode mudar no mundo da informação e talvez essa seja a principal razão para inibir sua repetição por mais tempo; fica comprometida também a busca por maior embasamento da informação. As relações parecem obedecer à superficialidade das coisas e aos imperativos do consumo. Como Benjamin (2012, p. 219) registrou, a informação “é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação tem uma participação decisiva nesse declínio.”

E a que se refere a força e o aspecto durativo da narrativa? O narrador alimenta-se de sua própria experiência e da dos outros, apoia-se na tradição oral. Ao contar histórias repetidas vezes, o narrador encanta, transmite conhecimento, pois ao fazê-lo esquece-se de si mesmo e concentra suas ações no ato de contar uma história. É algo mágico associado mais à memória do que ao jogo psicológico e por isso permite recontar a história, possibilitando troca de experiências: “mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais



completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

Muitos sujeitos guardam reminiscências de histórias contadas por mães, pais, avôs e avós. É a memória que atesta um afetivo costume familiar de acomodar no colo a cabeça de alguém mais jovem para que ouça histórias; a memória que traz de volta as rodas de conversa e contação de histórias em volta de uma fogueira, na sala de estar ou qualquer outro lugar aprazível. Repetir histórias faz parte. O costume está relacionado ao sentir a narração, abstrair o pensamento e, talvez, apropriar-se de ensinamentos.

O ato de narrar está associado à memória coletiva. Benjamin o considera “forma artesanal da comunicação”, porque além de envolver um ritual, requer tempo de assimilação, de percepção do outro e das situações, visto que não se trata de exercício para aprimorar a performance nem expor habilidades orais do contador de história. Registre-se que a narrativa não se realiza com a mera verbalização de informações variadas e conectadas, muito menos em ambientes caracterizados pela pressa e pelos olhares e ouvidos dispersos, ainda que paradoxalmente fixados na iminente novidade. “Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas” (BENJAMIN, 2012, p. 220)

Nesse sentido, é oportuno ressaltar a distinção que Benjamin estabelece entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*).

Na sociedade contemporânea, parece não haver espaço para o indivíduo apropriar-se do que passou a conhecer no cotidiano ou mesmo durante uma viagem, por exemplo. A efemeridade das conquistas, portanto, não se traduz em sabedoria. Não desenvolve a sensibilidade nem o entendimento do que viu, saboreou, ouviu, presenciou. A superficialidade dá o tom às vivências, às relações estabelecidas com as pessoas, com os lugares e objetos. O que passou e o que foi vivido, muitas vezes, compõem um quadro do passado, que fica esquecido ou ainda ignorado. Nesse sentido, constitui uma vivência, ou seja, ação que se esgota no momento da sua realização, portanto finita. (KRAMER, 2001, p. 106)

Assim, pode-se afirmar que o modo de viver na sociedade contemporânea empobrece o ato de narrar, visto que este exige conhecimento, que, por sua vez, traduz a vida que se tem, a experiência, considerada como ação infinita, compartilhada, contada a um outro (KRAMER, 2001, p. 106).



2. Ressignificação do ato de narrar histórias?

Voltando à concepção de Benjamin, em que sentido o ato de aconselhar reforça e constitui o ato de narrar? Precisamente porque aconselhar pressupõe sabedoria, conforme o autor. De fato, situar-se na narração, apropriar-se dos seus sentidos e possibilidades de ensinamento e de percepção do real vivido requer envolvimento, segurança, conhecimento, logo, sabedoria. Esta confere ao ato de narrar o sentimento de quem sabe o que está fazendo ao falar, ao narrar e com que objetivos. Normalmente o narrador sábio conhece bem o tema, os acontecimentos que ilustram e dão sentido às histórias, por isso consegue, com propriedade, encantar o ouvinte, o qual concentra sua atenção e interesses no que está sendo narrado. O ato de narrar, por conseguinte, está associado a conhecimento e verdade, sensibilidade e entendimento.

Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando. Para obter essa sugestão, seria necessário primeiro saber narrar a história. (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação.) O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. (BENJAMIN, 2012, p. 216-217)

Pressupondo o prazer despertado pelo ato de narrar e de ouvir histórias, em todos os tempos, em qualquer lugar, e observando que indivíduos têm dificuldades e restrições para relatar suas experiências, é possível afirmar que as narrativas passam por um processo de ressignificação. A narração oral, porque é tradição, busca uma saída. Enquanto o romance mergulhou o escritor e o leitor em atividades mais solitárias, e a notícia coloca o sujeito na condição de quem apenas recebe o conjunto de informações, a narrativa parece reunir tudo isso, pois se constitui de troca de experiências e ensinamentos. O ponto de vista do narrador não reside apenas no que viveu, mas também nas experiências de outros.

Quando hoje em dia alguém manifesta interesse em contar o que viveu, comumente os ouvintes assumem a posição de quem também quer narrar, não ouvir. Em nome de que a pessoa faz isso? Certamente não se interessa pela experiência comunicada. Prefere expressar para o outro aquilo que viveu em igual ou superior condição. Talvez a sociedade esteja exacerbando o sentido do protagonismo das ações individuais e supervalorizando a liberdade de expressão em detrimento da escuta daquilo que o outro quer ou precisa dizer.



O gosto por contação de histórias² pode e deve ser desenvolvido em qualquer tempo e espaço. Como já comentado, há um declínio da narrativa na sociedade moderna, no entanto, como Benjamin afirmara, a vida não é linear, assim, ainda que a vida contemporânea não ofereça condições favoráveis ao ato de narrar, a memória coletiva de alguns grupos e as escolhas de sujeitos interessados não permitem a morte definitiva da contação de histórias. A modernidade trouxe rupturas constantes, o que exige do sujeito o exercício da superação de usos e costumes, mas existe também o gosto pela tradição, por isso o ato de narrar resiste em algumas culturas e grupos sociais. Pode-se observar um ato de narrar ressignificado, reinventado, visto que a vida mudou muito, tornando-o adaptado, inclusive, à diversidade dos afazeres laborais modernos. Entre estes, há espaço para que indivíduos convertam habilidades e experiências pessoais em projetos de contação de histórias, transformando-se em profissionais autônomos do ato de narrar.

É fácil perceber que a vida atual produz uma relação inusitada de duas ou mais pessoas se comunicarem por meio de celulares, mesmo estando no mesmo ambiente; produz “certezas” de que criar bicho de estimação é mais fácil do que filhos; estimula a escolha por morar só; soma, em contrapartida, casos de depressão, melancolia, angústia, insatisfação. Dado o caráter descontínuo da realidade, tudo isso, no entanto, pode mudar. Muitos já deixam transparecer que apreciam uma roda de boa conversa, de boas narrativas, seja em auditório ou teatro, uma sala de jantar, em bar ou mesmo em praça pública. Apesar de todas as práticas que levem ao isolamento e à repetição da história, há os que apreciam a comunicação de experiências, a troca de saberes. Assim, parece haver espaço para as narrativas como prática de entretenimento, como busca de equilíbrio e, principalmente, como expressão do pensamento, da experiência sensível e do conhecimento.

Embora esteja ocupado com alguma tarefa laboral, na condição de narrador, o sujeito pode adentrar na história que narra; em se tratando de ouvinte, dedica a atenção não só ao conteúdo, mas também à entonação e timbre da voz, aos gestos, expressão corporal do narrador.

Em espaços de contação de histórias da contemporaneidade, como feiras, casas de *show* noturno, teatros, escolas, bibliotecas, praças, entre outros, o narrador muitas vezes associa

² Em *O narrador*, Benjamin afirma: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.” (p. 205)



o ato de narrar às artes cênicas, o que normalmente atrai a atenção dos passantes e ouvintes. Nesse caso, já se pode falar em profissionais da arte de contar histórias. Desenvolvem o trabalho para determinado público que frequenta esses espaços, a partir de ensaios diversos e de acordos e regras socialmente estabelecidos. Trabalham bem a voz, fazem uso de recursos e estratégias do teatro e da dança, incluindo, em alguns casos, figurinos, efeitos de som e luz, cenários improvisados ou não. Em outras palavras, é como se o ato de narrar estivesse associado, nesses espaços, ao ensaio, à preparação para se contar determinada história, o que subentende o distanciamento da experiência. Como Benjamin (2012, p. 213) escreve:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Na Casa Anísio Teixeira³, instituição localizada no município de Caetité-BA, o ato de narrar histórias constitui um dos seus objetivos. Faz parte das suas rotinas contar histórias para crianças e adolescentes por meio do Núcleo de Teatro e Contação de Histórias da Casa. Realiza-se o trabalho nos espaços da Casa e em escolas do município e parte da região Sudoeste da Bahia. Nas praças das cidades sertanejas, durante apresentações musicais do Conservatório de Música Anísio Teixeira, contam-se histórias de vida de compositores e músicos que inspiram os aprendizes de música e são homenageados ao tocarem suas canções.

Curiosas e interessantes são as situações e histórias que se contam durante a visita à Casa Anísio Teixeira. O visitante tem a oportunidade de conhecer, ainda que no imobilismo dos móveis e objetos, costumes, escolhas e gostos da família Teixeira, ao tempo em que pode

³ Sobrado colonial construído no início do século XIX, a Casa Anísio Teixeira localiza-se na Praça da Catedral da cidade de Caetité-BA. Casa natal de Anísio Teixeira, pertenceu ao Dr. Deocleciano Pires Teixeira, seu pai, e hoje está vinculada à Fundação Anísio Teixeira. Foi recuperada e restaurada pelo Governo da Bahia, em projeto executado pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC, e inaugurada em fevereiro de 1998. No seu conjunto arquitetônico, passaram a funcionar um Centro de Memória, uma Biblioteca Pública, um Cineteatro, uma Sala de Cultura Digital, um Conservatório de Música, além de outros espaços que desenvolvem atividades culturais de leitura.



se reportar a um passado que parece esquecido e ignorado pela modernidade. Registre-se a necessidade de se incrementar essas narrativas da Casa a partir de pesquisas e registros escritos e orais. Certamente há muito a se recuperar, principalmente por meio da história oral, valorizando-se as narrativas de pessoas que lá trabalharam, viveram e visitaram.

Além disso, é oportuno e importante registrar as narrativas de sujeitos que se beneficiaram das ações culturais e práticas de leitura desenvolvidas pela Casa Anísio Teixeira como colaboradores, funcionários, cursistas, agentes culturais e público beneficiário. São narrativas encantadoras que expressam o apreço e o reconhecimento dos que desenvolveram habilidades artísticas e de leitura a partir das práticas de leitura e dos cursos oferecidos pela Casa. Com o apoio de colaboradores e profissionais da música, do teatro, da museologia, os projetos realizados na Casa vêm proporcionando oportunidades e acessos a atividades culturais diversas, mas principalmente estimulam e desenvolvem leituras e experiências singulares, pois isso tudo se tornou realidade no sertão devido à existência da Casa Anísio Teixeira, considerando tudo que ela representa e faz. Em todas as práticas culturais da Casa, transparecem expressões e manifestações humanas que se realizam como linguagem e produzem conhecimento. E na linguagem o conhecimento traduz-se em vida.

3. Linguagem, sujeito e história

Benjamin (2011, p. 53) afirma que “A linguagem comunica a essência linguística das coisas.” E essa essência é comunicada por meio de palavras, o que torna imprescindível o ato de nomear as coisas. No nome, e não através do nome, o indivíduo comunica a essência das coisas.

Kátia Muricy (2009) explica, ao estudar sobre Walter Benjamin, mais precisamente sobre a magia da linguagem, que esta se constitui de certa imediaticidade na comunicação da essência espiritual. Assim,

É neste sentido que a linguagem é o *médium* da comunicação. Benjamin dá uma compreensão estrita do termo: *médium* não é o meio, elemento mediador, mas ao contrário é o que se manifesta de forma imediata. O que se manifesta de forma imediata na linguagem é a essência linguística de uma essência espiritual. (MURICY, 2009, p. 105-106)



Para Benjamin, a linguagem ressignifica o sujeito e a história, estabelece a verdade. De fato, se na linguagem é possível reescrever a vida e a história, inclusive o que esta esqueceu e a modernidade ignorou, então o conhecimento é modificável, está em permanente construção. Como Benjamin bem o considerava, a realidade é descontínua, não é linear.

Em se tratando da Casa Anísio Teixeira, observa-se que as práticas culturais lá desenvolvidas sinalizam para essa não linearidade. Algumas demandas são associadas a projetos de prefeituras, principalmente por meio das secretarias municipais de educação, saúde e assistência social. Outras ações foram demandadas por empresas parceiras ou mesmo pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI – Caetitê. A cada temporada, experiências anteriores são consideradas, avaliadas e adaptadas ao público a que se destinam; em algumas ocasiões, a Casa precisa atender e acolher públicos específicos, como idosos, crianças, adolescentes, moradores de zona rural. Os sujeitos colaboradores que já participaram de ações semelhantes ou que manifestam interesse em aprimorar suas habilidades são envolvidos em nova ação cultural, sempre atentos às misturas e especificidades de temas e culturas.

Na Casa Anísio Teixeira a noção de experiência caracteriza-se pela soma de práticas culturais, não se trata de acaso. O entendimento de que contar histórias estimula a leitura dá o tom às ações externas, principalmente em escolas, quando o Núcleo de Teatro e Contação de Histórias as frequenta com essa finalidade. Contribui, assim, para o desenvolvimento das práticas de leitura que são do interesse de cada grupo escolar. O Núcleo alega que ir às escolas urbanas e rurais torna-se mais viável economicamente para os gestores municipais, entretanto os professores, sempre que podem, conduzem grupos de alunos até a Casa Anísio Teixeira, porque, além da contação de histórias, eles usufruem as outras práticas culturais lá desenvolvidas, como oficinas de arte e educação, visita ao Centro de Memória, apresentações musicais, fílmicas, entre outras. Assim vai se confirmando a necessidade de viver em coletividade, de aprender a construir as histórias de vida e compartilhá-las, constituindo as experiências.

As ações externas quase sempre são incrementadas pela Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, uma van equipada com livros diversos e mesas de leitura que a Casa leva a escolas e principalmente comunidades rurais para emprestar livros e possibilitar que ali mesmo as pessoas possam escutar e realizar leituras. A Biblioteca Móvel, em visitas posteriores, favorece novos empréstimos de livros e, muitas vezes os professores encarregam-se de devolver o que



foi emprestado às crianças e jovens. Registre-se que a contação de histórias também faz parte, inclusive por iniciativa das escolas, o que facilita o desenvolvimento de projetos de leitura dessas comunidades.

Lá são lidas narrativas diversas para grupos atentos em dias festivos, comemorativos ou em encontros com datas e horários agendados. As pessoas acomodam-se no quintal acolhedor da Casa Anísio Teixeira ou ainda no espaço destinado às atividades do Núcleo de Teatro e Contação de Histórias. Por alguma motivação, simplesmente escutam as histórias às vezes lidas e muitas outras vezes contadas. Em algumas ocasiões, a contação de histórias ganha como aliados o conhecimento e a habilidade em artes cênicas que os contadores reúnem; estes utilizam figurinos, objetos, cenários, fantoches confeccionados muitas vezes pelos colaboradores da Casa. Encantam, assim, quem frequenta regularmente a Casa, bem como quem, vez ou outra, tem a oportunidade de participar de uma oficina, uma visita.

Considerações finais

É oportuno ressaltar, considerando o conhecimento como experiência de linguagem, a importância das ações desenvolvidas na Casa Anísio Teixeira. Não passa despercebido o rico e diversificado trabalho que lá se realiza na linguagem. Aqui é conveniente registrar o uso da linguagem oral, escrita, corporal e artística.

Na Casa, as práticas culturais de leitura fazem emergir talentos; o diferente e o impossível em terras sertanejas; até mesmo o silenciado pelo tempo e pelas ausências.

Pode-se afirmar: essa Casa, que não é *de* Anísio Teixeira, mas que traduz uma homenagem ao sujeito que tanto defendeu a educação pública de qualidade, consegue reafirmar-se no tempo e na memória enquanto espaço que realiza processos formativos. As ações da Casa vêm preparando pessoas capazes de atuar em produção cultural, como agentes de cultura e nas atividades de fomento a políticas culturais, algo certamente inusitado e, para alguns, até impensável em se tratando de sertão, em uma expressão clara de sensibilidade e experiência.

Ao escolher fomentar a leitura e valorizar a sabedoria, a Casa Anísio Teixeira, sem ignorar o pensamento de Anísio, acolhe, registra e desenvolve saberes, fazeres que enaltecem a cultura local e a regional, tornando-se referência na realização de ações culturais. Isso se dá, em parte, pela compreensão de que experiência pode e deve ser compartilhada e por isso mesmo



está sujeita a mudanças, não deixando, no entanto, de acolher e cultivar costumes e tradições. E essas concepções é que justificam sua experiência, logo, sua existência.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ Obras escolhidas I, **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (org.). **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001.

MURICY, Kátia. A magia da linguagem. In: _____. **Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Nau, 2009.